

# OCORRÊNCIA DE *BULLYING* EM ADOLESCENTES OBESOS EM TRATAMENTO HOSPITALAR

Occurrence of bullying in obese teenagers in hospital care

BERLESE, D. B.

RENNER, J. S.

SANFELICE, G. R.

PEDDE, V.

ISAIAS, H. A.

Data do recebimento: 12/04/2013 - Data do aceite: 24/03/2014

**RESUMO:** O presente estudo é de natureza descritiva, de caráter qualitativo e teve por objetivo investigar a ocorrência do *bullying* em adolescentes obesos que se encontram em tratamento hospitalar. O campo deste estudo foi o Ambulatório de Obesidade da Infância e Adolescência da Universidade Federal de Santa Maria, e o grupo de colaboradores foi integrado por adolescentes obesos de diferentes idades e sexos que participam do grupo de obesidade do Ambulatório de Pediatria do Hospital Universitário de Santa Maria. Os sujeitos da pesquisa foram selecionados por conveniência, constituindo três adolescentes obesos com índice de massa corporal superior a 30 kg/m<sup>2</sup>. O instrumento de coleta de dados consistiu em uma entrevista semiestruturada, sendo utilizada análise por categorias. Em termos de resultados, a partir da análise das entrevistas pode-se inferir que o *bullying* é um problema social e de saúde pública que ocorre com frequência em adolescentes obesos. A consequência imediata do *bullying* é o dano moral, ou seja, aquele que se traduz em sofrimento em razão da lesão à dignidade e personalidade, bem como está relacionado à honra da vítima, à saúde e integridade física e psíquica.

**Palavras-chave:** Obesidade. *Bullying*. Adolescentes

**ABSTRACT:** This is a descriptive, qualitative study that aimed to investigate the occurrence of bullying in obese adolescents which are in hospital care. The study field was the Obesity Clinic for Children and Adolescents of Federal University of Santa Maria. The group was formed by obese adolescents of dif-

ferent ages and gender that participate in the obesity group from the Pediatric Clinic at the University Hospital of Santa Maria. The subjects were selected by convenience, constituting three obese adolescents with body mass index greater than 30 kg/m<sup>2</sup>. The data collection instrument consisted of a semi-structured interview and analysis categories were used. In terms of results, based on the analysis of the interviews, it can be inferred that bullying is a public health social problem that occurs frequently with obese adolescents. The immediate consequence of bullying is the moral damage, that is, the damage that turns into suffering due to injuries to dignity and personality, and it is related to the victim's honor, health, physical and mental integrity.

**Keywords:** Obesity. Bullying. Adolescents.

## Introdução

Neste artigo propõe-se uma discussão sobre a temática da violência relacionada ao *bullying*, mais especificamente em adolescentes obesos. Sabe-se que a violência é uma questão complexa e multifacetada que passa a ser um tema muito discutido em todas as esferas, quer seja no âmbito das relações individuais, sociais e de quem propõem políticas públicas. Nesse sentido, o fenômeno da violência no Brasil não é um produto específico do século XX, mas foi neste século e, principalmente, a partir dos anos oitenta que foi alvo de denúncias mais sérias, como também, foi tema de pesquisas mais aprofundadas, mobilizando o Estado e a Sociedade Civil. A violência tem-se multiplicado bastante nos últimos anos, em diferentes performances, como, por exemplo, a violência no trânsito, na família, na escola, a violência policial, tráfico de bebês, tráfico de drogas, estelionato, o extermínio de crianças nas ruas, ou sofrendo todo tipo de abuso, inclusive, mendigos sendo queimados vivos, adolescentes matando um ao outro entre outros (VELHO, 1996; OMS, 2002).

Dimenstein (1995) e Araújo (2001) expõem que o país é identificado, interna-

cionalmente, como um dos países de pior distribuição de renda do mundo, contribuindo para o aumento da violência. A partir disso, observa-se que esse aumento tem ocorrido sob interferência da desigualdade social, desemprego, analfabetismo, atraso tecnológico, cultural e político, inflação crônica, falta de políticas sociais públicas, acrescidos de uma crise que atinge os valores éticos e morais.

Zaluar (2002) discute que a violência não é resultado da miséria, é mais um preconceito para agravar mais ainda a situação da população pobre. A grande maioria da população que mora na periferia é constituída de trabalhadores e apenas pequena parcela se deixa atrair por condutas criminosas. As camadas mais pobres sofrem discriminação, preconceitos arraigados ao pensamento do brasileiro em geral, sendo que não tem vínculo direto com a violência, porém quando ocorre é combatida de maneira desmesurada e injusta.

Nesse sentido, Zaluar (2002) acrescenta que a desigualdade social não é o único fator fundamental para compreender a violência no Brasil, mas também o esvaziamento de conteúdos culturais, principalmente os éticos, no sistema de relações sociais. Ou seja, somente a pobreza não pode explicar a perda de referenciais éticos que sustentem as interações entre grupos e indivíduos. As relações sociais tradicionais, embora cons-

truídas sobre uma forte desigualdade, tinham na reciprocidade um mecanismo que impedia que se instaurasse a violência generalizada.

Ao lado de tantos avanços tecnológicos, tem sido desenvolvida uma cultura da violência que se alastra e favorece todo um processo de banalização e naturalização em suas diferentes formas. Este fenômeno expressa-se não apenas em crimes, roubos, delinquência, mas também nas relações familiares, nas relações de gêneros, na escola, em todos os aspectos da vida social. Vivemos em um período de constantes mudanças sociais, onde problemas e conflitos de natureza semelhante afetam as condições de vida e as perspectivas de todos os cidadãos, como desemprego, desigualdade social, pobreza, conflitos étnicos, diversificação dos produtos da cultura de massa e mudanças nos sistema de valores (ZALUAR, 2002).

Por mais que a sociedade democrática procure organizar-se dentro de certas normas, teoricamente em condições de direitos iguais para todos os cidadãos, essas ações têm sido opostas, gerando aumento de tensão, conflitos sociais e interpessoais, servindo de ingredientes para o *bullying* (OLIVEIRA, 2002). O *bullying* é uma expressão em inglês e vem do verbo *to bully* que significa tratar de forma grosseira, desumana e *bully* que se refere a uma pessoa grosseira, autoritária que ataca os mais fracos (HIRIGOYEN, 2002).

Diversos estudiosos denominam o fenômeno *bullying* de *mobbing* ou de assédio moral. Todavia, como bem se posicionou a psiquiatra francesa Marie-France Hirigoyen, as expressões podem ter afinidades, porém, não se confundem. Nesse sentido, a autora apresenta em sua obra “Mal-Estar no Trabalho-Redefinindo o Assédio Moral”, as seguintes distinções: O *mobbing* se refere a perseguições coletivas ou à violência das organizações, podendo eclodir em violência física. O assédio moral se refere a agressões

sutis, de natureza psicológica ou moral, cuja perseguição ou agressão moral, dificilmente, são provadas, já o *bullying* é mais amplo, refere-se a simples chacotas, piadas, até abuso sexual e violência física; manifesta-se através de ofensas individuais e não organizacionais como nos outros dois casos. (HIRIGOYEN, 2002).

Feitas essas considerações, o *bullying* pode ser definido como sendo um comportamento abusivo e agressivo, manifestado através de gestos, palavras, atitudes, comportamentos ou qualquer outro meio, de forma intencional e repetitiva, que atenta contra a dignidade e integridade física e psíquica de uma pessoa, causando-lhe medo, insegurança, dor, angústia e sofrimento, engendrando, conseqüentemente, doenças psíquicas e físicas (psicossomáticas), desordem pessoal e profissional, além de refletir na qualidade e finalidade do processo educativo, bem como na sociedade e na saúde pública (HIRIGOYEN, 2002; NASCIMENTO; ALKIMIN, 2010).

A multiplicidade de forma que o *bullying* assume na atualidade tem envolvido a população infantil e juvenil. As crianças e os adolescentes obesos, em especial são os mais acometidos por esse tipo de violência. Por mais natural que pareça dizer que uma criança é “obesa porque come muito”, é de se esperar que, através de uma reflexão, possamos esclarecer alguns acordos sociais e simbólicos expressos neste enunciado. Na vida em sociedade nos deparamos com uma ordem consentida, em torno da qual será construído um universo simbólico em torno da gordura corporal. Não é preciso interditar a gordura, ela já porta um valor negativo nas relações sociais e, embora isso não se ensine, essa distinção ao “contrário” opera como um critério de classificação e organização (MATTOS et al., 2012).

É neste contexto que a questão do *bullying* vem emergindo com dramaticidade em todas

as classes sociais, alarmando pais e a sociedade civil. As agressões físicas e verbais entre crianças e adolescentes são cada vez mais recorrentes e em crianças e adolescentes obesos parecem ser mais evidentes.

Em uma sociedade bioascética, onde as questões mais valorizadas são corporais e as identidades são predominantemente somáticas, é de se esperar que ocorram casos de *bullying* relacionados à aparência corporal. A obesidade na infância e na adolescência talvez seja o fenômeno social que mais agrega vítimas e algozes (MATOS et al., 2012).

Essas reflexões apontam para a necessidade de abordar os diferentes discursos sobre a banalização da violência, na sociedade contemporânea e no cotidiano particular de cada indivíduo. Estudos como os de Alkinin (2008); Zaluar (2002); Dimenstein (1995), Velho (1996); Magagnin (1999) e Lucinda et al., (1999) assinalam sobre a mudança cultural na sociedade brasileira, onde o processo de banalização da violência é cada vez mais crescente e extremamente preocupante.

Sobre o exposto acima surgiu o interesse de investigar a ocorrência de *bullying* em adolescentes obesos que realizam tratamento junto ao Ambulatório de Sobrepeso e Obesidade do Hospital Universitário de Santa Maria- RS, uma vez que, os mesmo relatam, com frequência, em consultas mensais, o estigma de ser obeso na sociedade atual, bem como o quão complexo é lidar com a questão da violência nos diferentes contextos por onde transitam.

Sendo assim, acreditamos que conhecer o fenômeno *bullying*, em adolescentes obesos é conhecer a ação do pensamento por meio da qual o sujeito interage com o meio social. Nessa perspectiva, a presente pesquisa apresenta como problema: A obesidade na adolescência é motivo de ocorrência de *bullying*? De que forma e quais os principais locais desta ocorrência?

## Objetivo

Investigar a ocorrência do *bullying* em adolescentes obesos que se encontram em tratamento hospitalar.

## Método

Este estudo caracterizou-se como um estudo de natureza descritiva, de caráter qualitativo. Para Gonzáles (1997), o processo de investigação qualitativa é algo dinâmico que se expressa de forma contínua, e não se esgota em nenhuma forma de expressão. Implica que os sujeitos se relacionem neste processo, dando lugar a uma comunicação na qual podem aparecer indicadores relevantes para a construção do conhecimento em quaisquer dos momentos concretos de investigação. O presente projeto teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, vinculado ao CAEE de número 0112.0.242.000-10. Todos os adolescentes assinaram um termo de Assentimento, bem como seus pais ou responsáveis assinaram termo de consentimento, autorizando a participação dos adolescentes no estudo.

O grupo de colaboradores desta pesquisa foi integrado por três adolescentes obesos com índice de massa corporal superior a 30 kg/m<sup>2</sup>, sendo dois do sexo masculino e um do sexo feminino, com idades entre 13 e 15 anos. Como instrumento para coleta de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada. A entrevista utilizada teve caráter focalizado com um roteiro de tópicos relativos ao problema. Para Polit, Beck e Hungler (2004), nas entrevistas semiestruturadas ou enfocadas, o pesquisador utiliza-se de tópicos para que todas suas questões sejam respondidas, oportunizando ao participante liberdade de falar sobre esses tópicos.

De acordo com Minayo (2004), durante as entrevistas, o sujeito deve ter liberdade total para abordar o assunto sob o seu ponto de vista, permitindo tanto a obtenção de informações denominadas mais objetivas, como outras de caráter mais subjetivo, referentes às atitudes, opiniões e valores dos indivíduos entrevistados. No processo de produção do conhecimento, a entrevista deixa de ser uma técnica e converte-se em um processo que dá sentido à unidade do todo o processo metodológico, garantindo a continuidade das diferentes formas de expressão do sujeito perante os instrumentos, dentro do qual algumas expressões adquirem sentido para a interpretação (GONZÁLES, 1997).

As entrevistas foram realizadas em sala individual, no Ambulatório de Sobrepeso e Obesidade (Ala C) do Hospital Universitário de Santa Maria, em novembro de 2013. Foi utilizado gravador digital para gravar as entrevistas, que foram transcritas na íntegra, de maneira a dar sentido à pesquisa, buscando respostas aos objetivos do estudo.

Neste estudo, a análise das informações foi realizada, utilizando a técnica de análise de conteúdo temática, proposta por Minayo (2004), que consiste em três etapas distintas:

1. Pré-Análise: consiste na escolha do material analisado, realizando uma leitura exaustiva para impregnar-se de seu conteúdo, retomando as hipóteses e objetivos iniciais da pesquisa, no que diz respeito ao material qualitativo.
2. Exploração do material: consiste na transformação dos dados brutos para a compreensão do texto, construindo índices para quantificação, classificando, agregando e escolhendo categorias teóricas e empíricas que especificarão os temas.
3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: os dados sofrerão operações estatísticas simples ou complexas

que permitam destacar as informações obtidas, havendo variantes no tratamento dos resultados, trabalhando com interpretação ao invés de inferências estatísticas.

Minayo (2004) ainda afirma que fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos em uma comunicação que tenham algum significado para o objetivo analítico visado.

Para analisar o conteúdo das informações foi necessária a elaboração de indicadores que orientassem a interpretação final. Este processo foi organizado no sistema de classificação de categorias para posteriormente serem abordados (MINAYO, 2004). Com as análises das respostas surgiram três categorias: *bullying* como expressão de violência, *bullying* na escola e *bullying* no contexto familiar e social e a relação do adolescente com o corpo. Essas categorias serão tratadas a seguir.

## Resultados e discussão

A presente pesquisa contou com a colaboração de três adolescentes obesos, sendo dois do sexo masculino e uma menina, com índice de massa corporal acima de 30 Kg/m<sup>2</sup>, ou seja obesos graves. A idade dos mesmos encontra-se entre os 13 e 15 anos. Todos os colaboradores frequentam escola pública e apenas um é de etnia negra.

### ***Bullying* como expressão de violência**

Um dos maiores problemas enfrentados pela sociedade contemporânea é a violência. Em primeira análise, entende-se por violência toda ação que empregue força, opressão, intensidade. Nas palavras de Aquino (2000, p.159), “trata-se de um constrangimento que se exerce sobre outrem com o objetivo de obrigá-lo tanto a fazer como a deixar de fazer um ato qualquer”. A violência pode ser pra-

ticada de forma direta ou indireta, atingindo física ou moralmente a vítima, passando a “designar um amplo espectro de danos impingidos a outrem, em determinada situação relacional; danificação esta que pode comportar diferentes alvos: desde a integridade física e/ou moral, até a participação simbólica e/ou cultural daquele” (AQUINO, 2000).

Paulo ao ser questionado se já sofreu algum tipo de violência física, verbal, mais conhecido como *bullying* nos diz que: [...] “Sim, os piá me chama de gordo, mas ai eu cago eles de pau, eu brigo mesmo. As pessoas não podem falar da gente, elas não são ninguém pra falar da gente. Meu pai disse que as pessoas não podem debocha da gente”.

Observa-se na fala de Paulo que a violência é comum em adolescentes que sofrem com excesso de peso, bem como é possível observar que a forma de reação a essa violência ocorre com outro ato de violência. Associado a este fato, Aquino (2000), coloca que a violência é um ato de constrangimento que se exerce sobre outrem com o objetivo de obrigá-lo tanto a fazer como a deixar de fazer um ato qualquer. A violência pode ser praticada de forma direta ou indireta, atingindo física ou moralmente a vítima, passando a designar um amplo espectro de danos impingidos a outrem, em determinada situação relacional.

Renata corrobora dizendo: [...] “Sim, eu acho que quando me chamam de gorda eu sofro com isso e isso me incomoda, me irrita, ai eu acho que eu sofri *bullying*”.

Através da fala de Renata torna-se claro o quanto a obesidade está relacionada com os atos de violência. Para Oliveira (2002), a criança e os adolescentes expostos ao ato de violência adquirem um maior impacto psicológico sobre si e acabam por aceitar a violência como normal, ou seja, banal como pode ser observado na fala de João que ao ser questionado se já sofreu *bullying* comenta:

[...] “Sim, quase todos os dias. Antes eu ficava brabo agora não dou mais bola. Agora virou apelido”. Através das falas dos colaboradores percebe-se que todos sofrem *bullying* devido ao excesso de peso.

Sendo assim, sugere-se que o comportamento agressivo é originado na infância e adolescência. Algumas dificuldades vividas pelos adolescentes tem o reforço das circunstâncias ambientais intrafamiliar, extrafamiliar e intraescolar. Atos delinquentes sofrem influência do ambiente, seja por frustração, seja por ofertas de oportunidade para cometer o delito (CALIMAN, 2006).

A agressividade pode estar condicionada a fatores como: distúrbio de personalidade, transtorno de relacionamento, influência de amigos e família; estrutura escolar e seus métodos pedagógicos; fatores políticos, econômicos e sociais, ou seja, a violência está ligada ao contexto social, familiar e escolar (PESCADOR; DOMINGUEZ, 2001).

### **Bullying na escola**

As diferentes manifestações de violência urbana têm importância crescente na sociedade brasileira. Por se caracterizarem como um fato social que abrange a sociedade como um todo, acaba por atingir também o espaço escolar e se expressando no seu cotidiano por meio de preconceitos, intolerâncias e outras expressões. A violência atinge os territórios do entorno da escola e, por extensão, também se estende para dentro da escola em proporções crescentes (LEME, 2009).

No contexto escolar, considera-se que existe tanto a violência na escola como a da escola. A primeira se refere às violências produzidas fora da escola e que atravessam seus muros. A segunda se refere às práticas efetivadas pelos próprios atores escolares, engendrada nas especificidades das relações escolares como agressões morais, psicológicas e físicas; discriminações racial, de

gênero, política e de opção sexual; incentivo e reforço a estereótipos; institucionalização de avaliações predominantemente ou apenas quantitativas e com estímulo à mera competição; depredações do prédio e dos equipamentos escolares (RISTUM, 2004; MACEDO; BONFIM, 2009).

Ao serem questionados em relação ao local onde há maior ocorrência de *Bullying*, todos os colaboradores responderam que a ocorrência se dá na escola, como se pode observar na fala da colaboradora Renata:

[...] Acontece em todo o lugar, mas é principalmente na escola. As minhas colegas me debocham muito, falam coisas do tipo que eu sou gorda, baleia, ah sei lá essas coisas, Eu tenho vontade de bater nelas, mas ai não pode né, porque ai a gente vai ser expulsa da escola.

Através da fala de Renata, é possível verificar que a escola é um espaço que reflete as violências presentes na sociedade em geral e na comunidade onde se situa, mas a escola também favorece o aparecimento de violências. No espaço escolar podem ocorrer diversas manifestações, como a violência física; a simbólica ou institucional e as microviolências, caracterizadas por atos de incivilidade, humilhações, falta de respeito. Estes fenômenos combinam-se e se reforçam mutuamente (ABRAMOVAY, 2006).

Segundo dados do Inquérito Viva – Vigilância de Violências e Acidentes - realizado pelo Ministério da Saúde nos anos de 2006 e 2007, a violência entre jovens é a maior causa de morbimortalidade nesta faixa, e os locais mais frequentes de ocorrência apontados no ano de 2007, foram a via pública, a residência e a escola (BRASIL, 2009). Sposito (2001), em revisão da pesquisa brasileira sobre o tema da violência escolar, identificou dificuldades na aferição da magnitude do fenômeno, em razão de poucas iniciativas na

coleta de informações, faltando consistência no monitoramento e registro das ocorrências.

João, ao ser questionado sobre o local onde é mais frequente a ocorrência de *bullying*, comenta:

[...] Eu tenho bastantes conflitos com meus colegas. Na verdade todos os dias eu tenho algum conflito com eles. Eles não me respeitam. Tipo assim. Eles dizem que querem que eu morra. Eu ouço coisas que eu acho que eu não deveria ouvir. Eles começam a rir, é um saco. Eu resolvi não dar mais bola porque não tem mais o que fazer. Já pensei em trocar de turma, mas a outra que disseram pra eu ir é pior. Nessa turma que eu to pelo menos eles me respeitam mais do que o resto da escola. Às vezes eu odeio ir pra escola. Porque é um saco. As pessoas ficam te olhando e te chamando de tudo. É um saco.

Chama atenção na fala de João, além da gravidade das agressões, que sofre e dos desejos inescrupulosos que os colegas têm frente a ele, mas, principalmente, a frequência com que esses atos de violência ocorrem. Fischer et al. (2010) realizaram estudo no Brasil com amostra de 5.168 estudantes de 5ª a 8ª séries de escolas públicas e privadas nas cinco regiões do país, revelando que 12,5% dos estudantes haviam sido vítimas de *bullying*, definido como ações de maus-tratos entre colegas ocorridas com frequência superior a três vezes naquele ano. Com isso, conclui-se que as ocorrências são frequentes, e a humilhação que ocorre quase sempre ou sempre, como evento constante.

Diversos estudos têm identificado um crescimento na violência escolar nas últimas décadas, destacando-se ocorrências como depredação de patrimônio, furtos, roubos, agressões físicas e verbais entre estudantes, assim como agressões destes últimos contra professores. A violência nas escolas é um fenômeno complexo e múltiplo que neces-

sita melhor compreensão de suas origens. O entorno e o ambiente nas proximidades da escola sendo violentos aumentam os riscos de violência na escola (SPOSITO, 2001; ABRAMOVAY; RUA, 2002; LEME, 2009; RISTUM, 2013).

A escola é um espaço que reflete as violências presentes na sociedade em geral e na comunidade onde se situa, mas a escola, também, favorece o aparecimento de violências. No espaço escolar podem ocorrer diversas manifestações, como a violência física; a simbólica ou institucional e as microviolências, caracterizadas por atos de incivildade, humilhações, falta de respeito. Estes fenômenos combinam-se e se reforçam mutuamente (RISTUM, 2013).

### **Bullying no contexto familiar e social e relação do adolescente com o corpo**

Em relação à possível discriminação que sofrem, devido ao excesso de peso, entre os familiares e dos colegas/amigos, os colaboradores responderam que na família não há discriminação em relação ao excesso de peso, que essa ocorrência ocorre mais em lugares públicos como na escola. Nesse sentido, Paulo comenta:

[...] A minha família me acha normal. É, mas o pessoal da escola acha que eu to imenso. Renata também relata: As da família, Não. Mas nós as guria a gente sempre fala das outra, a gente sempre se compara uma com as outras. Eu como to maior, não dá pra comparar né, mas a gente fica falando das outra [...]

E por fim, João acrescenta:

[...] Meus pais acham que eu poderia até emagrecer, mas eles dizem que eu to bem assim. Já as gurias da escola dizem eu tenho uma “teta” imensa, que eu tenho mais que elas. As meninas têm inveja do meu

corpo, da minha bunda, da minha coxa, eu acho que isso é inveja do meu corpo. Mas acho que elas não queriam ser gordas, mas queriam ter meus “peitos”.

Observa-se que no caso de João, a maioria das meninas da escola comenta sobre o corpo dele, remetendo-se a estética feminina. De acordo com falas dos colaboradores, os pais não consideram a obesidade um problema de saúde, e sim, acham que o fato de seus filhos estarem acima do peso ideal, não os prejudica. Nesse sentido, o estudo de Oude et al. (2010), corrobora com nossos achados ao realizar um estudo populacional que avaliou a percepção do peso e o reconhecimento do excesso de peso de pais de crianças de 4-5 anos. Para todas as categorias de peso, em ambas escalas avaliadas – verbal e visual – os pais reconheceram suas crianças como mais leves. Do total, 75% das mães de crianças com sobrepeso afirmaram que a criança tinha um peso normal. Nas crianças obesas, 50% das mães acreditam que a criança tinha um peso normal.

Com isso, evidencia-se que a percepção dos pais a respeito do peso corporal do filho é distorcida. Na maioria das vezes, os pais não reconhecem a obesidade dos filhos, bem como uma criança com peso normal, na maioria das vezes, é vista como baixo peso. Assim, sugere que o padrão de normalidade muda, em decorrência da percepção dos pais; o excesso de peso, que deveria ser percebido como sobrepeso passa ser visto como peso normal (MURNAN et al., 2006).

Sobre o fato das pessoas acharem defeito no corpo e sobre a questão de como os colaboradores se sentem em relação ao seu corpo, as seguintes falas surgiram:

[...] Sim. Eu queria perder mais peso, porque sabe Doutora eu pesava muito mais, mas agora eu to tentando perder peso, até porque agora vem o verão e a gente quer perder mais e mais peso. Mas a senhora

sabe né, é difícil, a gente tem vontade de comer as coisas, mas aí a gente não pode comer tudo o que a gente tem vontade. Mas às vezes a gente come, na maioria das vezes a gente sofre de ansiedade e aí a gente come, quando as pessoas brigam com a gente a gente tem mais vontade de comer (Renata).

[...] “Sim, eu tenho vergonha porque eu sou gordo [...]” (Paulo).

[...] Sim. Eu não gosto do meu corpo, mas eu não consigo mudar nada. Eu passo semanas caminhando e não consigo mudar. Eu já tomei “*Shakes*” para emagrecer, mas aí eu passei mal. Eu faço de tudo e não consigo emagrecer aí então eu parei de tentar fazer as coisas, porque as coisas não mudam. Meu corpo não muda. As pessoas continuam falando do meu corpo. Às vezes eu perco um pouco de peso, mas nem dá pra perceber, eu sou muito grande. (João)

Observa-se na fala dos três colaboradores que todos estão insatisfeitos com seus corpos e que todos gostariam de perder peso, sendo que João também fez uso de compostos nutricionais para perder peso. Outro fator relevante que eles destacam é o fato das pessoas comentarem sobre o excesso de gordura que possuem, que pode ser interpretado como uma violência no momento que isso passa a ser interpretado por esses adolescentes como uma agressão verbal.

Quando questionados sobre se eles sabem o que é o *bullying*, todos responderam que sabiam como se observa na resposta de João: [...] “Sim, é a pessoa que fala de mal da outra, põem a outra pra baixo. Acha defeito na pessoa na pessoa e não se enxerga [...]”

Para Renata, *bullying* é entendido como o ato de chamar de gordo, orelhudo, fazer piada, botar apelido. Para Paulo, *bullying* é chamar de gordo. Fazer piada com os outros.

Entretanto, quando indagados se consideram violência física uma forma *bullying*,

apenas Renata diz que sim, já os colaboradores Paulo e João relatam não considerar a agressão física *bullying*. Nota-se através da fala dos adolescentes obesos entrevistados que os meninos não têm claro o que é *bullying*, para eles, esse tipo de violência é caracterizado somente como agressão verbal.

Observa-se com isso que a concepção de violência em nossa sociedade, não é necessariamente a mesma em outros povos e culturas, sendo necessário levar em consideração o ambiente sócio-histórico-cultural em que ela se manifesta. Abramovay (2006) alerta que a violência é um fenômeno de difícil conceituação, pois irá depender das inter-relações entre os sujeitos no ambiente social em que ocorre o ato. Minayo e Souza (1999) concordam que “é muito difícil conceituar a violência, principalmente por ser ela, por vezes, uma forma própria de relação pessoal, política, social e cultural; por vezes, uma resultante das interações sociais; por vezes, ainda, um componente cultural naturalizado”. Por isso, em pesquisa sobre juventude e violência no Brasil, a UNESCO (2001) destaca que não há apenas uma violência, mas sim uma abundância de ações violentas, as quais merecem o reconhecimento a partir do contexto sócio-histórico vivenciado.

## Considerações finais

Investigar a ocorrência de *bullying* em adolescentes obesos que realizam tratamento hospitalar não é uma tarefa fácil, uma vez que, para muitos adolescentes, falar sobre essa temática lhes causa constrangimento e remete a fatos indesejáveis que ocorrem com frequência, bem como causa desconforto. Sendo assim, esse estudo contou com a colaboração de três adolescentes que participam do Ambulatório de Sobrepeso e Obesidade do Hospital Universitário de Santa Maria.

Através das falas destes adolescentes é possível inferir que:

O *Bullying* é uma expressão de violência frequente em adolescentes obesos em tratamento hospitalar. Devemos considerar que além da exclusão social e dos apelidos pejorativos que costumam receber por conta de seu aspecto físico, os adolescentes entrevistados ainda correm o risco de voltarem machucados para suas residências, ou cometerem agressões como forma de defender-se dos atos violentos que sofrem.

O local de maior ocorrência de *bullying* é na escola por parte de seus colegas de classe. Se considerarmos que a escola é um lugar de socialização e de inclusão dos sujeitos em relação aos diversos conhecimentos que se encontram disponíveis, podemos entender o quão prejudicial para um adolescente obeso em processo de formação ser estigmatizado nesse espaço.

Em relação ao contexto familiar constatou-se que não há ocorrência de *bullying* no

mesmo, a ocorrência é de caráter social. A família considera que o fato desses adolescentes estarem acima do peso ideal, não os prejudica. Com isso, evidencia-se que a percepção dos pais a respeito do peso corporal do filho é distorcida. Na maioria das vezes, os pais não reconhecem a obesidade dos filhos, o que favorece a não ocorrência de *bullying* no ambiente familiar.

Quando abordada a relação do adolescente com o corpo, observa-se uma insatisfação dos mesmos com seus corpos, todos relatam que todos gostariam de perder peso, principalmente em função dos comentários e agressões que sofrem por estarem acima do peso.

O *bullying* é um problema social e de saúde pública que ocorre com frequência em adolescentes obesos. A consequência imediata do *bullying* é o dano moral, ou seja, aquele que se traduz em sofrimento em razão da lesão à dignidade e personalidade, bem como está relacionado à honra da vítima, à saúde e integridade física e psíquica.

## AUTORES

Denise Bolzan Berlese - Universidade Feevale. Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Bolsista FAPERGS- CAPES. e-mail debberlese@hotmail.com.

Jacinta Sidegum Renner - Universidade Feevale - Doutora em Engenharia de Produção com ênfase em Ergonomia (UFRGS). Professora/pesquisadora e coordena o Programa (Doutorado e Mestrado) em Diversidade e Inclusão na Universidade Feevale. É avaliadora ad hoc do CYTED (Programa Iberoamericano De Ciencia Y Tecnologia para el Desarrollo).

Gustavo Roese Sanfelice - Universidade Feevale- Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Professor Titular da Universidade Feevale e do Programa de Pós- Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social.

Valdir Pedde- Universidade Feevale - Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Titular da Universidade Feevale e do Programa de Pós- Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social.

Heloísa Ataíde Isaías - Universidade Federal de Santa Maria- Médica Pediatra responsável pelo Ambulatório de Sobrepeso e Obesidade do Hospital Universitário de Santa Maria- HUSM. Santa Maria.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. (coord.). **Cotidiano nas escolas: entre violência**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2006.
- ABRAMOVA, Y. M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco; 2002.
- ALKIMIN, M. A. **Violência na Relação de Trabalho e a Proteção à Personalidade do Trabalhador**. Curitiba: Juruá, 2008.
- ARAÚJO, J. R. **Crime e Economia no Brasil: dois ensaios empíricos**. (Dissertação de Mestrado)-CEDEPLAR/UFGM. Julho, 2001.
- AQUINO, J. G. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Viva: vigilância de violências e acidentes, 2006 e 2007**. Brasília: Ministério da Saúde. 2009. (Série G. Estatística e Informação em Saúde).
- CALIMAN, G. **Estudantes em situação de risco e prevenção**. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação. Rio de Janeiro, jul.-set. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n52/a07v1452.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. 2013.
- DIMENSTEIN, G. **O Cidadão de Papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.
- FISCHER, R. M.; et al. Relatório de pesquisa: *bullying* escolar no Brasil. **Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (Ceats) e Fundação Instituto de Administração (FIA)**. 2010. Disponível em: <<http://catracalivre.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2010/03/Pesquisa-Bullying.pdf>>. Acess em: 16 nov. 2013.
- GONZÁLEZ, R. **Epsitemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997.
- HIRIGOYEN, M. F. **Mal-Estar no Trabalho: redefinindo o assédio moral**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- LEME, M. I. S. A gestão da violência escolar. **Rev Diálogo Educação**, v. 9, n. 28, p. 541-555, 2009.
- LUCINDA, M. C.; NASCIMENTO, M. G.; CANDAU, V. M. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MACEDO, R.M.A.; BONFIM, M.C. A. Violências na escola. **Rev Diálogo Educ**, v. 9, n. 28, p. 605-618, 2009.
- MAGAGNIN, A. T. **A construção do significado da violência pelos adolescentes de Brasília**. (Dissertação de Mestrado)- Brasília: UNB, 1999.
- MATTOS, R. S.; PERFEITO, R.; CARVALHO, M. C.; RETONDAR, J. Obesidade e bullying na infância e adolescência: o estigma da gordura. **Demetra**, v. 7, n. 2, p. 71-84, 2012.
- MINAYO, M. C.; SOUZA, E. R. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 4, n.1, 1999.
- MINAYO M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro. 2004.
- MURNAN, J.; PRICE, J. H.; TELLJOHAN, S. K.; DAKE, J. A.; BOARDLEY, D. Parents' perceptions of curricular issues affecting children's weight in elementary schools. **J. Sch. Health**, v.76, n. 10, p.502-511, 2006.

NASCIMENTO, G. A. F.; ALKIMIN, M. A. Violência na escola: o bullying na relação aluno-professor e a responsabilidade jurídica. **Anais...** XIX encontro nacional do CONPEDI realizado em fortaleza - CE nos dias 09, 10, 11 e 12 de junho de 2010.

OLIVEIRA, J. P. **Representação Social da violência na escola**. (Dissertação de Mestrado)- Universidade Católica de Goiás, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre a violência e saúde**, s.l. 2002.

OUDE, L. H. G. M.; STOLK, R. P.; SAUER, P. J. How do parents of 4- to 5-year-old children perceive the weight of their children? **Acta Paediatrica**, v. 99, n.2, p. 263-267, 2010.

PESCADOR, J. E. P.; DOMINGUEZ, M. R. F. La violencia escolar: um punto de vista global. **Revista Interuniversitária de Formación del Profesorado** [periódico na Internet]. 2001 ago. Disponível em: <<http://redalib.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27404103&iCveNum=1319>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de Enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed. 487p, 2004.

RISTUM, M. Violência: uma forma de expressão da escola? **Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação** v. 2, p. 59-68, 2004. Disponível em: <http://www.uesb.br/editora/publicacoes/aprender/edicoes/Aprender%20n.%202.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

SPOSITO, M. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educ. Pesq.**, v. 27, n. 1, p.87- 103, 2001.

UNESCO. **Abrindo espaços: educação e cultura de paz**. Brasília: UNESCO, 2001.

VELHO, G. **Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica**. Em Velho, G. & Alvito, M. Cidadania e Violência (p. 10-24). Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

ZALUAR, A. **Diagnóstico da Violência Urbana no Brasil**. In: Brasil. Câmara dos deputados. Coordenação de publicações. Violência urbana e segurança pública. Brasília, p.6+ 18-19, 2002.